



*Mais vale ser temido que amado,
quando não se pode ter ambos.*

— Nicolau Maquiavel







gossipgirl.net

temas

flagras

seu e-mail

faça uma pergunta

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Ou seja, eu.

oi, gente!

uma nova era

Notícias fresquinhas: os alunos do penúltimo ano agora merecem atenção. Veteranos e inscrições para as universidades? Quem se importa? Quem quer perder tempo com especulações chatas de será-que-eles-vão-entrar quando há tanta diversão inconsequente por aí? Agora que nossos vestidos Alice + Olivia estão guardados e está escurecendo mais cedo, é hora de realmente voltarmos aos negócios. Há festas beneficentes a comparecer, corações a partir, relações a consumir, pelos faciais a depilar (sim, estou me dirigindo especialmente a uma certa equipe de natação) e toda uma cidade onde zoar. Então, saia da  e agite um pouco as coisas. Fale com aquele gatinho de boné do Riverside Prep. Simule novas amizades. Talvez até algumas rivais. D  uma festa louca e, quando ela estiver esquentando, torne-a *mais louca ainda*. E quem melhor para seguir esses passos do que os novatos que tomaram Nova York de assalto?





New Kids on the Block

Os trigêmeos Carlyle certamente sabem se divertir. Temos **A**, loura, de olhos azuis e aparência inocente. Quem imaginaria que ela tem uma queda por dar festas malucas — tão malucas que ela mesma acabaria atrás das grades? Por sorte, ela já conquistou os corações de toda a turma do penúltimo ano, bem como do conselho administrativo da Constance Billard. Isso sim é uma garota social. E tem **O**, de 1,85m, que parece um Adônis e usa sunga Speedo. Surpreendentemente ele ainda está solteiro, apesar do bando de meninas disponíveis que o seguem para todo lado, do treino de natação às rodadas de Red Bull batizado na Duane Reade. Estará ele se guardando para alguém? E alguém sabe quem seria esse alguém? Por fim, temos nossa pequena **B**, que parece ter esquecido seus vínculos com a minúscula ilha natal na Costa Leste para vestir a camisa da *nossa* pequena ilha. Podemos culpá-la? Em especial quando ela tem como guia o menino-prodígio **J. P.**? Mas, depois de quebrar as regras da Constance e ser solicitada a tirar uma semana da muito alardeada “licença” (conhecida como suspensão de escola particular), terá ela permissão para continuar lá? Ou seu anticonvencionalismo será demais para Nova York?

flagras

J nas audições para bolsas da School of American Ballet. Ótimos *tours jetés*, mas será que basta? **R** tomando o chá das 5 com a mãe, **Lady S**, na Soho House. **A** indo a uma hora marcada de depilação na Elizabeth Arden Red Door Salon com **S. J.**, **G** e o resto do grupo de **J**. Então agora é assim que mante-





mos os nossos laços? Fazendo depilação juntas? E sabe quem estava misteriosamente ausente da alegre turma? A própria **J.** Por que dar bolo em uma excursão de depilação? Será que alguém está bancando a europeia pra cima da gente? **O** correndo sozinho, subindo o Hudson River Park. Ele devia fazer um alongamento depois. Eu posso ajudar!

seu e-mail

P: Cara GG,
Então, eu meio que me estendi na viagem à América do Sul e perdi as duas primeiras semanas de aula, e agora tudo está uma loucura! **B** e **J. P.** estão mesmo juntos? **E J?** Ela está com alguém? O que aconteceu com o nosso mundo?
— Louca Existencial

R: Cara L. E.
Estender uma viagem ano letivo adentro é tão ano passado... Mas então, para colocar você em dia: **B** e **J. P.** se conheceram quando **B**, amante (de animais!) que é, se ofereceu para passear com os cães de **J. P.** Agora a passeadora voltou de seu casamento e lua de mel a jato com o jardineiro de seu chefe, então **B** perdeu o emprego, mas ela e **J. P.** ainda saem juntos. Vamos ver quanto tempo eles conseguem manter as patas... quero dizer, as mãos longe um do outro. Quanto a **J**, ela está sozinha... por enquanto. Mas não chore por ela, Argentina (ou sei lá por onde você andou), porque ela sabe se cuidar.
— GG





P:

Prezada Gossip Girl,

Nunca escrevi para este site, mas sou um assistente jurídico que trabalha numa propriedade histórica muito importante e fiquei apavorado porque, durante uma festa na semana passada, nos foi roubado um exemplar muito valioso de *The Collected Works of William Shakespeare*. Se tiver alguma informação sobre como isso pode ter ocorrido, eu ficaria grato.

— LawandOrder

R:

Caro L&O,

Mas Shakespeare não fala a língua do amor? Talvez alguém tire ótimas ideias dele. Comece pelos solteiros e avance a partir daí.

— GG

E... corta! Vou beber os últimos dias de verão com uma taça de espumante nos jardins do terraço do Met. Sim, é old school, mas, com tanta ação rolando na escadaria do museu ou no Central Park, como eu poderia resistir?

Pra você que me ama,

gossip girl





selado com um beijo...

— Acha que devo dar essa escultura à Sra. McLean? — Edie Carlyle gesticulou para o saco volumoso e disforme que tinha pendurado no ombro.

Baby Carlyle olhou o saco de cânhamo, em dúvida. Havia uma tigela rosa-chiclete aninhada ali dentro, claramente um dos mais recentes projetos de arte da mãe. Um ônibus da MTA passou rugindo, fazendo com que o vestido de linho verde de Baby, comprado por dez dólares em um camelô perto do Central Park, se levantasse até a altura dos joelhos esqueléticos. Baby deu de ombros.

— Bom, não quero que você seja expulsa — preocupava-se Edie enquanto as duas atravessavam a rua 93 Leste na direção da Constance Billard School for Girls.

Tecnicamente, Baby ainda estava matriculada na instituição pequena e elitista que exigia uniforme, da qual sua mãe também fora aluna anos antes. Mas, depois de faltar a várias horas de serviço extracurricular obrigatório por pequenas infrações que cometera no curso de francês, ela foi colocada de “licença” por uma semana. Por acaso, “licença” era só





um termo elegante das escolas particulares para suspensão. Na semana anterior, ela tinha passado os dias bebendo chai em um banco do Central Park, lendo Nabokov e esperando que seu novo amigo J. P. Cashman saísse da escola, a Riverside Prep. Depois, eles passavam a tarde no Central Park, brincando com os três cães dele, lendo livros um para o outro, envolvidos em longas e incoerentes conversas sobre a infância. Agora, porém, Baby mordia o lábio inferior com ChapStick cereja, nervosa. E se ela realmente fosse expulsa?

Uma semana antes, isso era *tudo* o que ela queria. Enquanto o irmão, Owen, e a irmã, Avery, pareceram sentir-se em casa assim que colocaram os pés em Manhattan, Baby, a mais baixa e mais independente dos trigêmeos Carlyle, sentiu-se simplesmente... perdida. Foi tomada por saudade de sua casa caindo aos pedaços em Siasconset, Nantucket, e do namorado, Tom Devlin. Assim, ela fez o que parecia lógico na hora: intencionalmente meteu-se em problemas na escola, na esperança de que a mãe percebesse que ela não se adaptaria à Constance e a Nova York. Mas, quando apareceu em Nantucket de surpresa e descobriu que Tom não só era um megadoidão como um *megatraidor*, Baby começou a repensar Nova York. Especialmente depois que J. P., um cara que Baby desprezaria por ser um típico mimado do Upper East Side, apareceu em Nantucket com o helicóptero do pai para lhe pedir que voltasse a Manhattan.

Muito melhor do que um torpedo.

Baby suspirou e tirou a franja castanha ondulada e comprida da testa. Se fosse expulsa, não saberia o que fazer. Certamente nenhuma das outras escolas de Manhattan a





aceitaria, a não ser talvez a Darrow, uma escola pequena no Village onde todos os alunos, do jardim de infância ao último ano do ensino médio, estudavam na mesma sala de aula. Ela torceu o nariz, imaginando pintar com os dedos ao lado de meninas de 5 anos enquanto ouviam músicas da Joni Mitchell. Ela era boêmia, mas nem *tanto*.

Eddie abriu com um estrondo as portas azuis da Constance Billard, fazendo tilintar os pingentes que havia pendurado no pescoço para equilibrar a energia dos chacras.

— Espere... — Eddie segurou a porta para a filha enquanto transferia, habilidosamente, o saco de cânhamo de um braço magro para outro. Tirou um dos colares grandes, feios e em forma de gota. — Coloque isto para dar sorte — ordenou ela, com os olhos azuis brilhando.

Baby abriu um sorriso amarelo e pendurou o colar no pescoço. Parecia uma ameoba multiplicada um milhão de vezes sob o microscópio.

— É por aqui — murmurou Baby, guiando a mãe pelos corredores encerados e vazios da Constance. Estavam sinistramente silenciosos, uma vez que todos assistiam às suas aulas do último tempo.

Eddie a seguiu, os Birkenstocks fora de moda batendo no piso de mármore recém-polido da escola. Elas pararam perto de uma pesada porta de carvalho que trazia em letras douradas e intimidadoras a palavra DIRETORIA.

— Eu me lembro deste lugar... — Eddie mexeu no cabelo já embaraçado da filha. — Passei muito tempo aqui quando fui aluna.

Baby assentiu. Era difícil imaginar a mãe boêmia, mesmo quando adolescente, usando as saias pregueadas e formais na





altura dos joelhos que faziam parte do uniforme obrigatório da Constance. Baby olhou uma placa na parede com os nomes de ex-representantes de turma. A irmã, Avery, mataria para estar nessa placa. Baby ficou feliz por não haver uma placa para as delinquentes da Constance. Tinha certeza de que seu nome encabeçaria a lista.

A não ser, é claro, que a mãe já tivesse tido essa honra.

— Baby Carlyle? — A secretária de cabelo duro levantou a cabeça, os olhos em fendas reprovadoras fitando-a de cima a baixo. Baby assentiu e abriu um leve sorriso. Seu coração martelava no peito.

— Pode entrar... A Sra. McLean está esperando por você. — A secretária piscou e voltou os olhos para o computador. Começou a digitar furiosamente, sem dúvida mandando um boletim ao resto do corpo docente informando que Baby Carlyle, que interrompia as aulas de francês, matava o serviço comunitário da escola e boicotava as escovas Mason Pearson, estava de volta.

Dia do Juízo Final!

— Ah, obrigada por vir... — A Sra. McLean se levantou de trás da grande mesa de carvalho enquanto Baby e Edie entravam. Ela estava com um terninho preto dois números menor. Um botão no meio do casaco pendia por um fio, feito um bebê coala agarrado a um eucalipto.

— Sentem-se — ordenou ela, praticamente empurrando Baby para um sofá azul-escuro de dois lugares. O tecido de veludo era duro e arranhou a parte de trás das pernas nuas de Baby.





— Sra. McLean, sou a mãe de Baby, Edie. — Ela apertou a mão da diretora e a sacudiu vigorosamente. — É muita gentileza sua reservar este horário para nos receber. Tome... Fiz isto para a senhora — anunciou Edie enquanto vasculhava no saco de cânhamo. Tirou a tigela disforme rosa-chiclete e a colocou de cabeça para baixo na mesa da Sra. McLean. Tinha um pequeno calombo no meio.

A surpresa apareceu no rosto largo e sardento da Sra. McLean. Ela devia estar acostumada a mães de filhas problemáticas assinando cheques, e não com uma cerâmica caseira calombenta.

— Obrigada por... isto, Sra. Carlyle.

— Ah, pode me chamar de Edie! Mas vejo que não combina com a decoração — notou com tristeza, passando o olhar da escultura para a mobília vermelha, branca e azul da sala.

— Hum, tudo bem. — A Sra. McLean se acomodou em sua cadeira de carvalho. — Vamos começar. Então, sei que *Baby*... — A Sra. McLean parou, com uma expressão azeda na sua cara de Raggedy Ann. Numa escola povoada de meninas com nomes como Beatrice e Madison, a diretora deixava claro que não considerava o nome Baby inteiramente adequado. Mas não era culpa de *Baby* que a mãe houvesse pensado que só teria dois gêmeos e simplesmente tivesse botado Baby na certidão de nascimento. Segundo a história, Edie sempre pretendia dar um nome mais formal a Baby, mas, seguindo sua tradição vale-tudo, ela simplesmente jamais voltou a essa questão. Como Baby era o bebê da família, e de estatura igualmente diminuta, o nome pegou naturalmente.





— Sei que Baby teve, hum, uma criação *pouco convencional* — continuou a Sra. McLean. — O que muito provavelmente contribuiu para sua difícil transição para a Constance na primeira semana de aulas. Durante o tempo de licença, minha esperança era de que Baby aproveitasse para refletir sobre seu comportamento enquanto chegávamos a uma conclusão a respeito de seu futuro, e se esse futuro incluía ou não a Constance Billard. — A Sra. McLean empurrou com cuidado a tigela para a beira da mesa. A diretora tinha uma mancha amarronzada de batom nos dentes da frente e, de repente, Baby sentiu uma onda de compaixão por ela. Talvez se sentisse tão deslocada na Constance quanto a própria Baby. — Sendo assim, Baby, achou produtiva a semana que ficou fora?

— Achei... — respondeu Baby, olhando a sala. Ela não sabia bem por que queria tanto ficar na Constance, mas, na semana anterior, só tinha conseguido pensar nisso. Por mais que sentisse falta de Nantucket e de toda a beleza de suas praias, tudo pertencia ao passado. Nova York agora era o seu lar.

Adivinhe o que — ou *quem* — a fez mudar de ideia?

— ...senhora — acrescentou Baby, e então corou. Percebera que estava fazendo uma reverência.

Ou batendo continência. Sim, senhora, Sra. McLean, senhora!

— Bem, dei uma olhada em seu histórico e tomei uma decisão. — A Sra. McLean cruzou os braços no peito volumoso.

Baby não ansiava ter que implorar para voltar ao mundo de vadias com cabelo cheio de luzes Oscar Blandi, fivelas Gucci e canetas Montblanc. Mas estava pronta a fazer isso.





Ela lambeu os lábios e olhou fixamente os olhos cor de lama da Sra. McLean.

— Senhora...

— Baby terá permissão para ficar na Constance — interrompeu a diretora.

Baby soltou um suspiro de alívio.

— Mas, para me provar que a adaptação aos rigorosos códigos de conduta da Constance lhe será viável, ela precisará prestar serviço comunitário para a Constance — continuou a Sra. McLean. — E, desta vez, a sério. Como Baby vem de uma, hum, criação artística, creio ter uma tarefa apropriada para ela... — A Sra. McLean se curvou, balançando seu volumoso traseiro no ar enquanto vasculhava um arquivo de metal reluzente. Quando se ergueu, entregou para Baby uma revista em preto e branco com uma foto de um pombo morto na capa. *Rancor* estava escrito na frente, em caracteres maiúsculos de aparência feroz.

— Esta é a revista de arte de nossas alunas. Sua criadora e editora se formou no ano passado. — A Sra. McLean semicerrou os olhos esbugalhados. — A *Rancor* exige sensibilidade artística, e espero que você esteja disposta a aceitar a tarefa — concluiu ela. Edie bateu palmas, animada, como se a Sra. McLean tivesse passado a tarefa a ela, e não à filha.

Baby pegou a revista e a folheou. Apesar da capa vanguardista, era cheia de poemas bregas sobre patinação no Rockefeller Center e o cheiro de flores na primavera. Baby tentou imaginar como seria trabalhar na revista, mas não conseguiu. Ao contrário da animada irmã, que atualmente é a aluna vinculada ao conselho administrativo da Constance, o espírito escolar nunca lhe dissera absolutamente nada.





— Bem, estou tão feliz por isso ter se acertado... e é claro que Baby agradece pela oportunidade — disse Edie de repente. — Mas agora tenho que ir... *Preciso* voltar a meu ateliê. — Ela se abaixou e deu um beijo no alto da cabeça da filha. Baby sentiu o cheiro do óleo essencial de patchuli da mãe. Fez uma careta para si mesma, com o cuidado de não revelar à Sra. McLean o seu sorriso malicioso. A imprevisibilidade da mãe era tão exagerada que podia parecer fingida.

— Claro. — A Sra. McLean assentiu, como se entendesse a natureza urgente da arte de Edie. — Baby, nos veremos amanhã, bem cedinho. E não preciso lembrar que você precisa estar de uniforme — acrescentou.

— Sim, claro! Obrigada, Sra. McLean — disse Baby com gratidão. Ela sorriu e sustentou o sorriso enquanto saía da sala e passava pelas portas azuis da escola. Encostou-se no prédio de tijolos para se recompor, sabendo que só tinha um momento antes de o sino tocar e as meninas saírem pelas portas aos bandos. Embora não estivesse emocionada pela ideia de renovar uma revista estudantil abandonada, não pôde deixar de sentir que escapara de uma enrascada. Sim, a Constance era meio tensa e cheia de meninas metidas, mas a vida de Baby parecera instável desde que ela fora arrancada de Nantucket, e agora as coisas pareciam voltar aos trilhos.

— Ei, você!

Baby se virou e viu J. P., de calça cáqui e blazer azul da Riverside Prep, parado na esquina. Segurava uma raspadinha colorida em uma das mãos e o BlackBerry na outra.

Baby adorava o fato de J. P. aparentar ser tão caretinha mas na realidade não o ser. Nem quando se conhecia ele





melhor. E, agora que ia oficialmente ficar no Upper East Side, ela pretendia conhecê-lo muito melhor.

Como assim, conhecê-lo no sentido bíblico?

— Uma raspadinha comemorativa? Foi tudo bem com sua reunião? — J. P. tirou o cabelo castanho dos olhos, nervoso.

— Não vou a lugar nenhum — disse Baby, triunfante. — Pode dizer aos cachorros que não se preocupem — brincou ela.

— Que bom! — J. P. sorriu. — Não queria que eles voltassem aos maus hábitos sem você. — Por instinto, Baby olhou os pés de J. P. Antes de começar a passear com os cães dele, Nemo tinha um problema de comportamento e costumava fazer cocô nos sapatos dele. Hoje J. P. estava com mocassins de couro macio que pareciam roubados de uma exposição de índios americanos no Museu de História Natural, mas Baby sabia que foram escolhidos por um *personal shopper* na Barneys; como todas as roupas de J. P.

Regrinha prática: quanto mais feios os sapatos de um cara, mais caros eles são.

Baby pegou a raspadinha e a lambeu, desfrutando da onda de frio e açúcar na língua. Sentia-se meio tonta e aliviada. Não sabia o que a deixava mais feliz: ficar na Constance ou J. P. se importar com seu destino a ponto de sair da escola mais cedo e lhe fazer uma surpresa.

Nessa hora, o sinal tocou e uma horda de meninas de uniforme e cabelos brilhantes jorrou das portas azul-royal. Foram para a calçada e ficaram em grupos na escada da escola, fofocando sobre o dia. Algumas olharam para Baby e J. P., cochichando por trás das mãos com esmalte Bliss.





Baby viu Jack Laurent, a ex-namorada piranhástica e bailarina de J. P., saindo pelas portas duplas. Ela parou quando seus olhos verdes caíram em Baby, endireitando as costas de varapau. Com o nariz levemente sardento e empinado e o cabelo castanho-avermelhado reluzente e preso, ela parecia pertencer mais a uma passarela de moda do que à escada da Constance Billard.

Baby deu de ombros e virou as costas para Jack, ficando de frente para J. P. Quem ligava para Jack Laurent? Só o que importava era que ela tinha passado a semana com um garoto lindo que ficava mais lindo a cada dia. E ela pretendia passar o ano seguinte fazendo a mesma coisa.

Por impulso, Baby se inclinou para J. P. e lhe deu um beijo na boca. Os olhos dele se arregalaram de surpresa, mas ele retribuiu o beijo com vontade. Baby o abraçou. A boca de J. P. tinha gosto de eucalipto. Ela sentiu um arrepio subir pela espinha e se acomodar em seu estômago quando o beijou novamente. Aqueles braços eram fortes em volta dela, e a boca tinha um gosto tão limpo e descomplicado...

— Obrigada pela raspadinha — sussurrou Baby quando finalmente recuou, ainda nos braços de J. P. Ela sentiu outro arrepio descer pela espinha. Uau. Por que não tinha feito isso antes?

— Vamos dar o fora daqui — sussurrou J. P. com a voz rouca, puxando-a pela escada da escola. Baby pegou a mão dele, os quadris batendo um no outro enquanto andavam para o sol cor de peixinho dourado a oeste e o verde luxuriante do Central Park.

Quem sabe não era hora de trocar o batique por uma camiseta I LOVE NEW YORK?

